

LECTIO DIVINA

“Jesus foi conduzido ao deserto, a fim de ser tentado” I Domingo da Quaresma Mateus 4,1-11

Leitura

Jesus foi conduzido pelo Espírito ao deserto,
a fim de ser tentado pelo Diabo.
Jejuou quarenta dias e quarenta noites
e, por fim, teve fome.
O tentador aproximou-se e disse-lhe:
«Se és Filho de Deus,
diz a estas pedras que se transformem em pães».
Jesus respondeu-lhe:
«Está escrito: ‘Nem só de pão vive o homem,
mas de toda a palavra que sai da boca de Deus’».
Então o Diabo conduziu-O à cidade santa,
levou-O ao pináculo do templo e disse-Lhe:
«Se és Filho de Deus,
lança-Te daqui abaixo, pois está escrito:
‘Deus mandará aos seus Anjos que te recebam nas suas mãos, para que não tropeces
em alguma pedra’».
Respondeu-lhe Jesus:
«Também está escrito: ‘Não tentarás o Senhor teu Deus’».
De novo o Diabo O levou consigo a um monte muito alto,
mostrou-Lhe todos os reinos do mundo e a sua glória
e disse-Lhe:
«Tudo isto Te darei,
se, prostrado, me adorares».
Respondeu-lhe Jesus:
«Vai-te, Satanás, porque está escrito:
‘Adorarás o Senhor teu Deus e só a Ele prestarás culto’».
Então o Diabo deixou-O,
e aproximaram-se os Anjos e serviram-n'O.

Meditação

Para a meditação do texto partiremos antes de tudo do *seu contexto* e depois *nos deteremos* sobre dois aspectos mais significativos.

Eis o *contexto*. Mateus (como Marcos) inicia o relato da vida pública de Jesus narrando a preparação do Mestre para o seu ministério. Este relato compreende a pregação do Batista, o batismo e as tentações no deserto.

A seguir, depois da prisão do Batista, Jesus começa seu ministério em palavras e obras. Anuncia o Reino de Deus e chama os primeiros discípulos para que o sigam. É, sobretudo sobre este segundo aspecto, o do discípulo, que orientaremos nossa meditação, limitando-nos a *dois aspectos* sobre o caminho do discípulo.

Aquilo que Mateus diz sobre Jesus, na verdade é dito para o discípulo.

a) O primeiro aspecto diz respeito aos *quarenta dias no deserto*.

Jesus, para iniciar seu itinerário público, precisa de um tempo de jejum e de oração. O número quarenta, como sabemos, é uma sigla que se refere a um tempo de purificação, ao caminho de despojamento que marca a subida ao monte de Deus e ao misterioso encontro com Ele. No horizonte delinea-se Jerusalém: a hora da tentação no horto, os acontecimentos da traição e a prisão.

Também o discípulo, como o Mestre, para subir a Jerusalém precisa de jejum e de oração.

b) O segundo aspecto – que desenvolveremos mais amplamente – se refere à *tentação*. Jesus é tentado e também o discípulo é tentado.

É preciso ter presente que a tentação, no sentido bíblico da palavra (*peirasmós*) não é simplesmente o impulso imediato para fazer algo de mal. É muito mais. É a tentação de voltar atrás, de não responder ao projeto que Deus tem para cada um de nós; de retirar-se do empenho que a Igreja, a sociedade, o mundo nos pedem. É a tentação de agir como o avestruz, ou seja, esconder a cabeça na areia.

Existe um relacionamento muito íntimo entre o caminho do discípulo e o deserto da prova. O rosto misterioso de Deus, sua luz e seu fogo, desde sempre constituíram uma atração e um desejo para o crente. Basta pensar apenas no episódio do antigo testamento da sarça ardente e de Moisés, que quer conhecer o Deus que o envia; e também nos tempos da igreja, em Agostinho que confessava em termos pungentes a inquietação do próprio coração e seu ardente desejo de conhecer Deus: “Senhor, fizestes-nos para vós; e inquieto está o nosso coração, enquanto não repouse em vós” (Confissões, 1,1).

A mesma fé gera no discípulo uma sede inextinguível de Deus. Mas, exatamente esta paixão por Deus é continuamente purificada. A Elias, que protestava sua “ardente paixão” por Ele, Deus mesmo pede para sair a céu aberto, deixar o esconderijo da caverna e repete a pergunta do discernimento: “O que estás fazendo aqui, Elias? (1Re 19,9)

Digo de novo. Há uma estreita relação entre a fé que cresce e o deserto e a tentação, que amadurece e fortalece a própria fé: onde por deserto entendo – como é próprio da tradição bíblica e patrística – o lugar onde o homem é apenas *e/e*, sem escoras e subterfúgios enganadores; o lugar da luta contra o maligno e as tentações, mas também o lugar do encontro com o Senhor.

No livro do Deuteronômio, em particular, o deserto é o ambiente da ação pedagógica de Deus em relação a seu povo. No deserto Israel cresce e amadurece na fé até aprender, conforme a palavra do Deuteronômio 8,3, que “não só de pão vive o homem, mas toda a palavra que sai da boca de Deus”.

Nesta perspectiva o deserto, as tentações do discípulo – as próprias dúvidas da fé; as tentações do egoísmo, do orgulho e do prazer; o instinto de posse das pessoas e das coisas: como quer que forem interpretadas, as três tentações de Jesus nada mais são que uma limitada tipologia de todas as tentações possíveis – são elencadas não na ordem da fatalidade, mas na ordem da providência.

Existe uma misteriosa interação entre o caminho do discípulo e a tentação, a que ele é continuamente exposto. Por isso o deserto da tentação é tempo forte da pedagogia de

Deus. Quem caminha na fé deve saber que também a prova é escola de Deus e do seu Espírito; e que sem esta escola a fé arrisca de se transformar na pretensão de capturar Deus e encerrá-lo nos esquemas estreitos das expectativas humanas.

Para a oração e para a vida

“Não nos deixeis cair em tentação”, assim deveremos rezar com fé, recitando a oração de Jesus no Pai Nosso. Não pedimos para ser *libertados* das tentações e da dúvida (nem mesmo Jesus, Maria e os santos foram liberados), mas de ser sustentados pela graça no momento da prova.

Questionemo-nos, enfim, com coragem: cultivo em mim o espírito de discernimento para uma resposta mais generosa ao Senhor, ou deixo espaços para a dúvida paralisante, que talvez seja um alibi para o descompromisso espiritual? “Sois na verdade vós, Senhor?": a minha pergunta sobre Deus é um desejo intenso para um encontro com ele, ou é desconfiança nele? “O que farei”? : minha pergunta sobre mim mesmo é um real exame da situação em que me encontro para agir, ou é desconfiança em mim mesmo e em Deus? “E os outros”? : a minha pergunta sobre o próximo é consistente e capaz de se confrontar com os destinatários da missão, ou é juízo condenável sobre a capacidade deles de se converter?

+ *Enrico dal Covolo*